

CORPOREIDADE E AUTO-IMAGEM NO ENVELHECIMENTO

Magaly Messias Lima¹

Lugar onde se desenvolve a vida e se agarram as forças do horror, o corpo é a zona de mediação por excelência, lugar onde se arraiga e reproduz a cultura, da mesma maneira que a alma – a psyché grega – não é outra coisa que uma representação ávida de corpo que se aninha em diferentes localizações corporais, dependendo da emoção comprometida. Imagem necessitada de músculo e sangue, a alma não é uma substância incorpórea que impõe desdenhosa suas formas à existência, mas enxame de símbolos que buscam ansiosos um corpo para reproduzir-se (RESTREPO, 1998, p. 105).

Resumo. O corpo é, para muitos, um grande desconhecido. A omissão para explorar e conhecer o próprio corpo tem início na infância, desenvolvendo-se a partir daí a idéia de que as relações com o corpo não precisam ser tão próximas, tão íntimas, distanciando o sujeito daquilo que lhe é deveras importante. O autocontato é, implicitamente, cerceado. A velhice chega, e é o corpo que envia sinais de declínio, modificando formas e impondo limites. Em tempos onde se exalta o culto ao corpo, o belo é visto e o envelhecido, ignorado, como se um corpo

1 Pedagoga, Especialista em Gerontologia Social. UESC, Núcleo de Estudos do Envelhecimento. Ilhéus, Bahia, 2005. magaly10@yahoo.com.br

envelhecido representasse descuido. Tal comportamento coletivo produz uma subjetividade cada vez mais reduzida à dimensão da imagem, o que promove uma crise identitária do velho:

Palavras-chave: auto-imagem – imagem corporal – velhice.

Abstract. The body is for many people a mystery. The omission to explore and to know the own body begins in the childhood and develops from the idea that the relations with the body don't need to be so close, with intimacy, in this matter take the individual away from what would be really important for the person. The self-contact is implicitly. When people get old, the body gives the signs of decline, changing shapes and putting some limits. In time when people exalt the cult of the body, the beauty is seen and the old is ignored, as if an old body means something that is not been cared. This collective behavior produces subjectivity each time more reduced to the dimension of the image, what promotes a crisis of identity of the elderly people.

Keyword: self-image, body image, elderly people.

1. INTRODUÇÃO

A velhice passou a ter visibilidade social só recentemente, e essa visibilidade se fez acompanhar de uma série de situações que motivaram mudanças no tom do tratamento dessa velhice. O envelhecer, como um processo inevitável para qualquer pessoa, traz implicações de variadas dimensões, que se mani-

festam diferentemente para indivíduos, tanto para os que vivem em contextos sociais e históricos diferentes, ou no mesmo contexto.

No Brasil, a gestão da velhice encontrou sinais de mudança a partir da década de 1960. A partir dos anos 80, com a produção das ciências sociais e do discurso gerontológico, as políticas sociais começaram a produzir resultados. Emerge a imagem da “velhice ativa” que se contrapõe aos padrões anteriores de velhice reclusa (ALVES, 2004, p. 16). Esse fenômeno sugere uma nova versão do envelhecimento, construído em toda a sociedade, embora ainda sejamos subordinados a estereótipos estabelecidos por essa mesma sociedade, muitos deles nem sempre favoráveis à velhice.

O grande entrave na mudança de conceitos é a assunção, pelo próprio sujeito, de sua condição de envelhecendo, internalizando os mitos e preconceitos que lhe são destinados, e assimilando o estigma de descartabilidade e inutilidade que lhe é imposto. Esse processo de assimilação de uma identidade negativa no envelhecer, muitas vezes tem respaldo na valorização do corpo do sujeito que, como sabemos, sofre modificações extremamente perceptíveis com o passar dos anos, interferindo negativamente na sua auto-estima.

Dois aspectos são relevantes para a compreensão dessa construção corporal negativa do envelhecido: a falta de intimidade com o

próprio corpo e a não-aceitação de que o envelhecimento é um processo natural e inevitável da vida.

2. (RE)CONFIGURANDO O CORPO NA VELHICE

“
O corpo é,
para muitos,
um grande
desconhecido

”

O corpo é, para muitos, um grande desconhecido. A omissão para explorar e conhecer o próprio corpo tem início na infância, quando a criança começa a descobrir suas curvas, orifícios e protuberâncias e, rapidamente, é induzida a desviar suas atenções. Um pouco mais tarde, com um olhar mais apurado, essa exploração é reiniciada e, mais uma vez, reprimida mais contundentemente. Emerge, então, a idéia de que as relações com o corpo não precisam ser tão próximas, tão íntimas, distanciando o sujeito daquilo que lhe é deveras importante. O autocontato é, implicitamente, cerceado.

Na adolescência, os hormônios entram em ação e o máximo que o jovem se permite é a prática da masturbação, sem quaisquer intenções exploratórias, apenas em busca do prazer sexual, do gozo. O desconhecimento dos sentidos permanece; a dimensão corporal não é alcançada nessa fase, nem mesmo com o início da atividade sexual. Cristaliza-se, no imaginário, a noção de que o corpo não

é parte do todo e, portanto, não é pré-requisito para o crescimento e a maturação do indivíduo. Vive-se, então, “separado” e alheio ao próprio corpo, rotineiramente, sem maiores interesses em suas dimensões e significados. Desconhecendo suas potencialidades corporais, o indivíduo vivencia uma privação de experiências sensoriais que o corpo poderia proporcionar.

A velhice chega, o corpo começa a enviar sinais de declínio, a modificar suas formas e impor limites. Esse ilustre desconhecido chamado corpo passa a ser a prova viva do envelhecimento, algo de que não se pode fugir. E, numa sociedade onde se cultua a beleza e a juventude, onde o belo é o novo, não há espaço para um corpo envelhecido que se afasta cada vez mais do modelo idealizado pela sociedade, e o idoso apreende essa visão mecanicista e superficial de corpo, transmitida com propriedade através de construções dominantes na percepção popular, ainda que isso seja injusto e cruel.

Em tempos onde se exalta o culto ao corpo, o belo é visto e o envelhecido, ignorado, como se um corpo envelhecido representasse descuido. Tal comportamento coletivo produz uma subjetividade cada vez mais reduzida à dimensão da imagem, o que promove uma crise identitária do velho: “Se eu não sou visto, eu não sou” (KEHL, 2002, p. 25). Esta percepção leva a um sentimento de impotên-

cia perante a sociedade e a própria vida.

O corpo, finalmente, faz-se notar, uma vez que começa a sofrer abalos, manifestando algumas limitações ou mesmo doenças, mostrando ao mundo que o sujeito já viveu mais do que o que ainda tem a viver. Esse corpo traz a lembrança indesejável da passagem do tempo. A adaptação a essa nova percepção de corpo nem sempre acontece, embora seja premência máxima.

É prioridade a aceitação desse corpo marcado pela sua própria história; entretanto, como aceitar algo que não se conhece? Esse momento pode ser cruel ou pode nem acontecer. E, não acontecendo essa auto-aceitação corporal, o indivíduo tem a sua auto-estima profundamente comprometida e desesperadamente busca maneiras de escapar da inexorabilidade da passagem do tempo, através de cirurgias plásticas e intervenções em série, transformando a representação de corpo em primeiro objeto de percepção, em detrimento dos processos mentais, comprometendo o equilíbrio harmônico entre corpo e mente. Essa transposição dos limites corporais faz eclodir uma alienação do indivíduo em relação ao seu corpo, que é a de ignorar a sua história e as marcas que ela deixa, distanciando-se, paulatinamente, do próprio corpo.

A questão maior não está na busca da elevação da auto-estima através da melhoria da

imagem corporal; isso é até saudável, desde que não se perca o controle sobre o próprio corpo; mas o excesso nos limites compromete a própria identidade e dissocia os elementos que compõem a corporeidade. A questão crucial, portanto, está no exagero do indivíduo, na transformação desse corpo em “corpo-coisa” e em tornar-se alienado em relação a seu próprio corpo. Tal exagero pode configurar uma busca de aprovação do mundo, como se o corpo refletisse o sucesso ou o fracasso de uma existência. Dessa forma, de nada adianta o esforço externo se a esfera emocional não estiver em equilíbrio (IMOBERDORF, 2003, p. 99).

Uma segunda possibilidade em relação à recusa das modificações corporais que o envelhecimento propicia é o indivíduo apegar-se ao passado, perder as próprias referências, imobilizando recursos internos de adaptação e dificultando a formação de novos vínculos. A consequência é o isolamento e uma enorme probabilidade de desencadeamento de um processo depressivo e de vazio interior.

É importante ressaltar que o indivíduo envelhecido precisa compreender que as mudanças corporais a que ele é submetido são parte de um processo pessoal e natural. Cabe-lhe a tarefa de refletir continuamente acerca de suas crenças e valores a respeito da própria vida. Desse modo, a negação do significado dessas marcas da vida, registradas

nas linhas do corpo, pode ser determinante e explicativa da perda da auto-estima corporal. “É no terreno do corpo [...] que as pessoas de terceira idade mais necessitam crescer em auto-estima, defendendo-o dos modelos predominantes que não lhes concedem valor algum” (PASCUAL, 2002, p. 41).

Por outro lado, aquele que se utiliza da sabedoria que a experiência pode proporcionar, e detém a disposição para enfrentar as transformações físicas advindas do envelhecer, seguramente tem a oportunidade de reverter seus conceitos tão culturalmente arraigados e transformá-los, o que pode ser uma fase da vida em que ainda há muito o que viver. É o desvelamento de um novo ser, buscando ser inexorável contra a ação nociva da cultura social e do próprio tempo. Talvez este seja o momento de (re)conhecer-se e (re)descobrir-se, modificando valores e aprofundando a compreensão sobre essa preciosa fase da vida. Hora de fazer do corpo um aliado, criar uma intimidade peculiar, elaborar trocas de sensações e emoções, tocar-se, sentir a própria pele, admirar-se, olhar-se no espelho e reviver sua história de vida com orgulho, aceitando-se. O desafio é engatar um processo de mudança interior, buscar algo novo dentro de si, tentar reconstruir idéias e estilos de vida.

2. A ATUALIDADE DO CORPO NA VELHICE

Aristóteles (384–322 a.C.) concebia o homem como uma unidade de alma e corpo. De acordo com Braunstein (1999, p. 26),

O homem é sempre composto de um corpo e uma alma, mas o corpo é visto como composto de órgãos, uma máquina bem feita. A alma é o seu objetivo final, o corpo por assim dizer desemboca na alma, mas, por sua vez, a alma age sobre o corpo e está nele, não sendo ele o seu objetivo, mas o seu meio de ação sobre as coisas, formando o todo uma harmonia plena e contínua.

O passar dos anos modificou o sentido de corpo, que a partir da Revolução Industrial assumiu uma conotação de máquina, sinônimo de produção. “Corpo que é manipulado, modelado, treinado, enfim, que se torna hábil e produz” (BLESSMANN, 2003, p. 93).

É oportuno lembrar que a sociedade exerce papel ativo na construção da imagem corporal do sujeito, estabelecendo modelos estéticos e interpretações para cada estilo corpóreo. Isso dificulta a compreensão real da corporeidade, que resulta da concatenação de aspectos sócio-culturais e educacionais do indivíduo, repercutindo nas suas interações com o mundo.

Com efeito, o que se percebe, hodiernamente, é que o corpo passou a ser sinôni-

mo de mercadoria, objeto submetido aos modelos culturais e, dessa forma, dissociado da alma ou da mente, contrariando a crença de Aristóteles. Conforme Balestra (2002, p. 29), as pessoas são tratadas como objetos, como se o corpo não compusesse a sua estrutura existencial. Esse distanciamento do próprio corpo, vivenciado pelo sujeito, impede a percepção da corporeidade, que é a capacidade de sentir e utilizar o corpo como ferramenta de manifestação e interação com o mundo. Dessa forma, fica comprometida a nova relação que o envelhecido deve ter com seu corpo, frente às modificações que nele ocorrem em função da passagem do tempo.

O corpo “se estrutura no contexto interativo de atitudes e linguagens que cercam o indivíduo, e que vão sendo internalizadas no curso de cada história”, diz Caridade (1997, p. 60) e prossegue, afirmando não haver corpo de história finda, mas corpo que se faz. Essa afirmação pressupõem ser o corpo o resultado das emoções, sensações, atitudes vividas, como um “produto da diversidade de gestos postos ao existir humano” (idem, 1997, p. 61).

Corpo é subjetividade, é lugar onde circulam conflitos pulsionais, onde as emoções são expressas. O significado do corpo na velhice não está no que ele é, mas no que ele representa, ele exalta a vida e suas inúmeras possibilidades, mas ao mesmo tempo pro-

clama a finitude existencial (BLESSMANN, 2003, p.4).

As concepções filosóficas de Marleau-Ponty (1999) afirmam que o corpo não pode ser considerado um objeto, mas a maneira de estar presente no mundo, com tudo o que compõe esse mundo, e tudo isso está presente nesse corpo. A corporeidade é inerente ao ser humano e transcende a esfera do físico; viver a corporeidade, portanto, é viver todas as dimensões humanas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A longevidade é uma conquista da humanidade, entretanto, a condução dessa vida longa é um grande desafio para a sociedade. No que tange à questão biológica do envelhecimento, percebe-se uma tentativa de enfrentamento das ações do tempo, com o intuito de bloquear a involução que o corpo sofre e de prolongar a vida através de ações diretas sobre a estrutura físico/biológica. Dessa maneira, sendo o corpo a demonstração manifesta da senescência, privilegia-se muitas vezes a conservação corpórea, negligenciando os cuidados com a esfera emocional. Urge lembrar, no entanto, que a negação das dificuldades inerentes ao envelhecimento é uma infeliz maneira de enfrentar as barreiras que a longevidade apresenta.

Em confirmação ao exposto, CÍCERO

“
A negação das
dificuldades
inerentes ao
envelhecimento
é uma infeliz
maneira de
enfrentar as
barreiras que
a longevidade
apresenta

”

tonia entre o que o corpo é, objetivamente, e o que se vive como corpo, evitando o risco de uma desorientação do eu para uma desproporcional atenção ao corpo.

(2002, p. 31) declara que “é preciso resistir à velhice e combater seus inconvenientes à força de cuidados; [...] Mas não basta estar atento ao corpo; é preciso ainda mais ocupar-se do espírito e da alma”.

O corpo é a representação da própria vida; nele está escrita a história de cada um. Todavia, o dualismo que separa corpo e alma ainda prevalece nas sociedades ocidentais, o que dificulta a compreensão da dimensão de corporeidade. CAPODIECI (2000, p. 204) alerta para a necessidade de estabelecer a unidade entre corpo e alma para que haja uma sin-

REFERÊNCIAS

ALVES, A. M. **A dama e o cavaleiro**: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BALESTRA, C. M. **Aspectos da imagem**

corporal de idosos praticantes e não praticantes de atividades físicas.

Dissertação (Mestrado). Campinas, SP: UNICAMP, 2002.

BLESSMANN, E. J. **Corporeidade e envelhecimento: o significado do corpo na velhice.** Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: UFRGS, 2003.

BRAUSTEIN, F.; PÉPIN, J. F. **O lugar do corpo na cultura ocidental.** Traduzido por João Duarte Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

CAPODIECI, S. **A idade dos sentimentos: amor e sexualidade após os sessenta anos.** Traduzido por Antonio Argonese. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

CARIDADE, A. **Sexualidade: corpo e metáfora.** São Paulo: Ed. Iglu, 1997.

CÍCERO, M. T. **Saber envelhecer.** Traduzido por Paulo Neves. Porto Alegre, RS: L&PM, 2002.

DEBERT, G. G. Família, classe social e etnicidade: um balanço da bibliografia sobre a experiência do envelhecimento. **Boletim Informativo e Bibliográfico das Ciências Sociais**, Anpocs, n. 33, p. 33-50, 1992.

IMBERDORF, M. “Eu e meu corpo.” In: HERMANN, R. (Coord.). **Maturidade revista: depoimentos de corpo e alma sobre a feminilidade da mulher madura.** São Paulo:

MAGALY MESSIAS LIMA

Ed. Gente, 2003.

KEHL, M. R. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

PASCUAL, C. P. **A sexualidade do idoso vista com novo olhar**. Traduzido por Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Loyola, 2002.

RESTREPO, L. C. **O direito à ternura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

Recebido em maio de 2007
Aprovado em julho de 2007